

## **A contribuição das edificações de madeira forradas com lata para a constituição da paisagem cultural dos ilhéus do Rio Grande, RS, Brasil.**

SILVA, Karen Melo da<sup>1</sup>; ARNONI, Rafael Klumb<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como referência investigações oriundas do projeto A Ilha dos Marinheiros do Rio Grande e suas Edificações de Lata, desenvolvido junto à Escola de Engenharia e ao Núcleo de Estudos sobre Populações Costeiras e Saberes Tradicionais, ambos da Universidade Federal do Rio Grande. As edificações de lata constituem, na realidade, construções de madeira revestidas por placas metálicas, sendo essa uma técnica amplamente difundida na região sul do Rio Grande do Sul, Brasil. A utilização das latas como material de construção diferencia-se pela apropriação de refugos industriais e, embora outras vertentes do trabalho estejam focadas em explorar aspectos diretamente vinculados à descrição da técnica de forrar edificações de madeira com lata, neste artigo objetivamos apresentar uma discussão de ordem simbólica. Dessa forma os objetivos do trabalho estão vinculados à compreensão do significado estético que estas edificações expressam, notadamente amalgamado às representações culturais da contemporaneidade. O trabalho tem suporte nos procedimentos tradicionais das pesquisas em arquitetura e urbanismo e no arcabouço das ciências humanas e sociais. Espera-se que a abordagem do repertório edificado, avaliado sob a perspectiva do resultado da interação do homem com o meio, contribua para evidenciar novas facetas das representações sociais, inerentes ao processo de ocupação da Ilha dos Marinheiros, localizada na zona rural do município do Rio Grande e sob forte influência da colonização portuguesa, com a prevalência de imigrantes das cidades de Águeda, Aveiro, Lisboa e Porto. Sobretudo, interessa contribuir à afirmação do caráter inusitado do repertório identificado e seu papel para a constituição da paisagem cultural do lugar, marcada pela presença da água das culturas agrícola e pesqueira e, tal qual queremos registrar com esse estudo, também pela presença das casas de madeira forradas com lata.

**Palavras-chave:** Edificações rurais contemporâneas. Habitação e cultura. Paisagem Rural. Edificação forrada com lata.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais; Escola de Engenharia – Universidade Federal do Rio Grande.

<sup>2</sup> Mestre em Memória e Patrimônio; Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas.

## INTRODUÇÃO

Tanto na área da arquitetura e urbanismo, quanto no campo dos estudos sobre cultura, a questão do habitar sempre foi, e permanece sendo nos dias atuais, uma questão relevante, marcada por interpretações multifacetadas, cujo desafio consiste em abarcar, simultaneamente, conotações concretas e simbólicas, implícitas, não somente à função do abrigo, quanto às representações sociais a ele associadas. No Brasil, em que pesem os esforços para resolução dos problemas habitacionais que o país apresenta, fatores diversos fizeram com que os estudos sobre o caráter espontâneo e popular da habitação ocupem um espaço incipiente, mesmo que a diversidade de manifestações existentes, passíveis de enquadramento nessa categoria seja substancialmente relevante (WEIMER, 2005).

Estas reflexões constituíram a gênese da elaboração de um projeto, formatado no âmbito da Escola de Engenharia, da Universidade Federal do Rio Grande da FURG (EE-FURG), voltado à realização de estudos sobre a produção da habitação popular na região de abrangência da universidade. Os estudos, iniciados em 2011, têm como primeiro objeto as edificações de madeira forradas com lata, repertório amplamente difundido, não apenas na Ilha dos Marinheiros, campo do presente artigo, como também em outras localidades da região (BARRETO *et.al.*, 2010).

Preliminarmente, as características que permitiram o enquadramento do repertório identificado como pertencentes à arquitetura popular, dizem respeito ao reconhecimento de características identificadas por alguns autores como fundamentais na caracterização da arquitetura popular, quais sejam: a simplicidade; adaptabilidade ao meio físico; criatividade e forma plástica como resultado, não como intenção primeira (WEIMAR, 2005).

De forma geral o projeto, que contempla os estudos sobre as edificações de madeira forradas com lata tem diversas vertentes articuladas entre si, fundamentalmente orientadas para contribuir à discussão sobre a arquitetura popular contemporânea, existente no extremo meridional do Brasil. O interesse geral do projeto consiste em realizar investigações que revelem a origem, as motivações que permitiram a propagação, bem como aspectos que justifiquem a perduração e disseminação destas edificações. Embora outras vertentes do trabalho estejam focadas em aspectos diretamente vinculados à descrição da técnica de forrar

edificações de madeira com lata, no presente artigo estamos concentrados em explorações de ordem mais difusa e simbólica. Desta forma, o objetivo geral do presente artigo está vinculado à discussão sobre a compreensão do significado estético que estas edificações expressam, notadamente amalgamado às representações culturais da contemporaneidade. Assim, é importante salientar que, mesmo que a abordagem geral seja construída a partir de exemplares localizados em um território específico é preciso afirmar a relevância da investigação para o entendimento da produção da arquitetura popular da região, dada a abrangência do fenômeno, que extrapola os limites deste recorte, conforme mencionado.

Quanto aos materiais e métodos utilizados o trabalho tem suporte nos procedimentos das pesquisas em ciências sociais e humanas, com destaque à contribuição dos estudos em arquitetura e urbanismo, antropologia e geografia. Os principais instrumentos utilizados para elaboração deste artigo foram a revisão bibliográfica e os levantamentos de campo, previamente produzidos. Os levantamentos contemplaram: entrevistas, realizadas com moradores das edificações, sendo alguns destes também construtores das próprias moradias; protocolos de observação, aplicados às edificações; mapeamento e georreferenciamento de edificações e registros fotográficos. No contexto de levantamento de dados é importante destacar o papel de alunos, regularmente matriculados na disciplina de Arquitetura e Urbanismo, do Curso de Engenharia Civil, da Escola de Engenharia, que sistematicamente abastecem os trabalhos com a coleta de dados. Merece destaque também o Núcleo de Estudos sobre Populações Costeiras e Saberes Tradicionais, lotado no Instituto de Ciências Humanas e da Informação, espaço que tem se mostrado profícuo ao debate e reflexão sobre os trabalhos realizados.

## **APONTAMENTOS SOBRE A ILHA DOS MARINHEIROS E AS EDIFICAÇÕES DE MADEIRA FORRADAS COM LATA**

A Ilha dos Marinheiros pertence à zona rural do município do Rio Grande e localiza-se no 2º Distrito, numa região de planície e ilhéus, na porção sudoeste da Laguna dos Patos, ao norte da zona urbana do município (Fig. 1). Constitui-se em um amplo território, de superfície de 39,28km<sup>2</sup> (SOARES, 2005, p.9), ocupado somente em sua

área periférica, por 1.259 habitantes (IBGE, 2010), essencialmente voltados à agricultura familiar e à pesca artesanal.

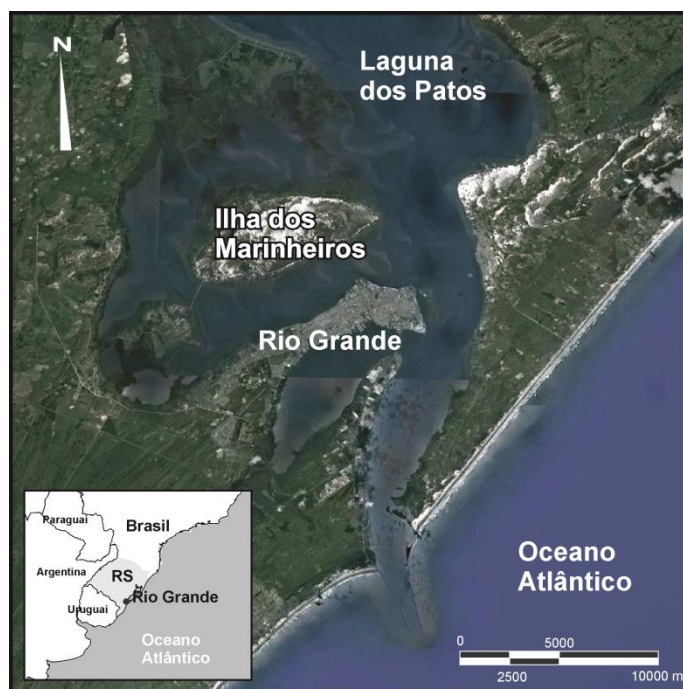


FIGURA 1 – Localização da Ilha dos Marinheiros.  
Fonte: Adaptado de Google Maps, 2013.

A parte interna da Ilha (Fig. 2) abriga expressivas dunas e lagoas de pouca profundidade (SOARES, 2005, p.13-14). Já a periferia é bastante plana e marcada por um anel viário, de aproximadamente de 24 quilômetros, que a circunda e permite que a contemplação de uma paisagem caracterizada pelo predomínio de hortas, vegetação rasteira e alguns eucaliptos, além da distribuição dispersa de edificações de pequeno porte, basicamente residências e galpões, utilizados como apoio à agricultura e pesca (Fig. 2). A Laguna dos Patos circunda este conjunto com suas turvas águas, sempre em movimento, dada a ocorrência constante de brisa ou intenso vento. As edificações de madeira revestidas com lata contribuem para caracterizar essa paisagem, não apenas através de seus atributos de diversidade de padrões de cores e estampas utilizadas, como pela criatividade existente no conjunto das soluções empregadas.

As pesquisas de campo, particularmente as entrevistas realizadas com moradores, revelou que o interesse pelo uso de materiais leves, na Ilha dos Marinheiros, deve-se ao seu isolamento geográfico, uma vez que a ponte que a liga ao continente só foi concluída em 2004. Até aquele momento as embarcações eram o único meio de transporte disponível e todo o material de construção tinha que

enfrentar as restrições desse meio de transporte. Neste sentido, a madeira foi um material adequado e mesmo as famílias mais abastadas utilizaram esse material. Além de ser leve, boa parte dos moradores também dominavam a técnica de utilização da madeira, uma vez que estavam acostumados a construir as embarcações pesqueiras (SANTOS, 2012).



Figura 2 – A paisagem da Ilha dos Marinheiros. No alto à esquerda: o contato visual com a zona urbana do Rio Grande. No alto à direita: a parte interna da Ilha – dunas e lagos sazonais. Abaixo: as principais atividades econômicas, a pesca e a produção de hortifrutigranjeiros.

Fonte: Acervo Karen Melo da Silva.

Ainda, quanto ao uso da madeira, é preciso destacar que sua utilização, fundamental para estruturar as casas e para facilitar a fixação das latas, pode estar vinculada a uma herança cultural, relacionada ao processo de colonização portuguesa (WEIMER, 2005; VERÍSSIMO *et.al.*, 1999), afinal, no caso específico da Ilha, o processo de imigração foi marcado pela presença predominantemente de imigrantes de Águeda, Aveiro Lisboa e Porto. Uma vez consagrada a utilização da madeira, a descoberta das qualidades de forrá-la com lata foi bastante conveniente, já que este material é ainda mais leve que o até então utilizado. Provavelmente este fator, associado ao baixo custo das latas, contribuíram para que a técnica fosse amplamente disseminada pela Ilha. Cabe mencionar que inicialmente as latas eram obtidas da indústria de conservas, constituindo um reaproveitamento dos resíduos do processo.

Contudo, em que pese a importância da avaliação dos materiais adotados, dos aspectos construtivos empregados e resultados formais alcançados, neste trabalho queremos dar ênfase à avaliação da técnica compreendida como “uma das melhores formas de relação entre o homem e o meio” (SANTOS, 1996, p.25). Quanto aos significados simbólicos e imateriais expressos por estas relações, podemos argumentar que a técnica em questão, por estar notadamente amalgamada às representações culturais existentes, auxilia a evidenciar que, já em sua gênese, denota não apenas uma realidade imersa em um contexto de representação social residual e periférica, quanto atesta o seu caráter popular e contemporâneo.

## **A EXPRESSÃO CULTURAL DO FORRAR EDIFICAÇÕES COM LATA**

O trabalho realizado permite informar que a solução de revestir edificações de madeira com lata, na Ilha dos Marinheiros, é uma solução utilizada há mais de 40 anos (SANTOS, 2012). Dos mais de 121 exemplares identificados, 105 foram mapeados (Fig. 3), tendo a análise da localização apontado que as edificações estão distribuídas ao longo da via que circunda a Ilha, concentrando-se em maior grau no setor sudeste. Quanto às principais motivações para o uso da lata, três fatores podem ser apontados: o baixo custo; o fator de proteção que oferecem, contra o vento e a areia, abundantes na região e; a facilidade de aplicação das chapas à madeira: segundo os entrevistados, qualquer pessoa pode realizar a fixação das placas. Mesmo que aspectos utilitários sejam sempre elencados para justificar o emprego da técnica, vale destacar que, quando provocados a respeito de questões de ordem estética, alguns moradores respondem de forma bastante favorável, reconhecendo que, além de econômicas, práticas de construir e eficientes para melhorar o condicionamento do ambiente interno no inverno, as casas forradas com lata são **muito bonitas**.

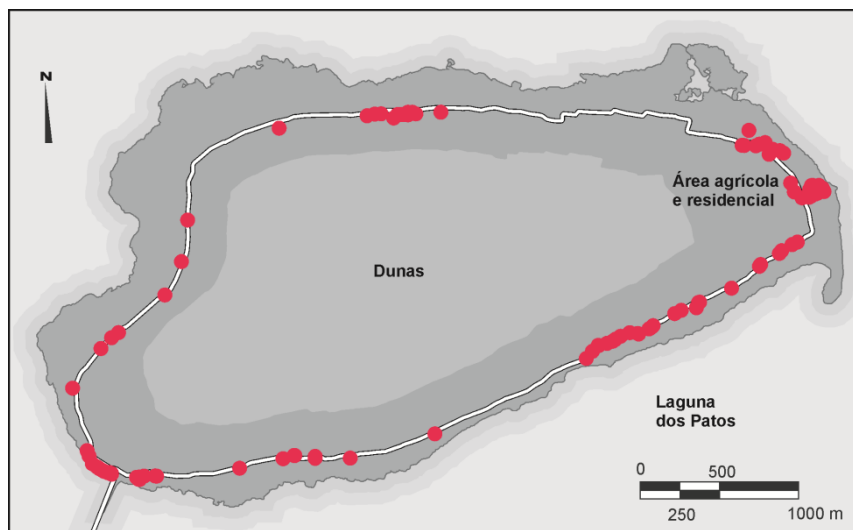


Figura 3 – Localização das casas de lata na ilha (em pontos vermelhos).  
Fonte: Modificado da base do Laboratório de Cartografia da EE/FURG.

Embora a sistematização dos dados tenha sido direcionada para identificar uma tipologia recorrente, apontando a recorrência de edificações assentadas em alvenaria de tijolos, paredes de madeira revestidas com lata, esquadrias de madeira e cobertura de fibrocimento, a pesquisa teve a intenção e o cuidado de registrar a diversidade de alternativas encontradas. Desta forma, o banco de imagens revela padrões compositivos bastante plurais na utilização das latas e uma diversidade substancialmente inventiva nos tipos de acabamentos, realizados com recortes, dobraduras e sobreposições.

Alguns interlocutores relataram que originalmente eram utilizadas latas de óleo, cujas tampas superior e inferior eram cortadas, sendo posteriormente abertas e pregadas às paredes (SANTOS, 2012). Atualmente, boa parte das placas reutilizadas provém de chapas maiores, provenientes basicamente de duas fontes, ambas obtidas de refugos da indústria gráfica, inutilizadas após a impressão de jornais ou em função de falhas no processo de impressão de embalagens metálicas (*offset*). Essas últimas são conhecidas no mercado local como cunhetes e podem ser adquiridas nas ferragens, localizadas na zona urbana do Rio Grande, tendo dimensões aproximadas de 65X95 centímetros. É interessante observar que os textos e imagens do jornal permanecem gravados na chapa de impressão e podem ser reconhecidos em muitas edificações, ou em parte delas. Os cunhetes oferecem uma diversidade incrível de possibilidade de padrões, pois tanto chapas iguais podem ser usadas, remetendo ao efeito de mosaicos, quanto chapas com cores e

desenhos diferentes podem ser misturadas, resultando a composição tanto imprevisível quanto inusitada.

A diversidade e riqueza do repertório encontrado permitem argumentar não apenas em favor da identificação da expressividade de uma arquitetura popular local, como também sua contemporaneidade. Além da diversidade dos padrões e estampas identificados (Fig. 4), é possível afirmar que, mesmo que algumas edificações utilizem placas novas, parte significativa delas ainda é construída a partir de materiais reutilizados, tal como ocorreu no início da utilização das latas.



Figura 4 – Tipos de latas utilizadas para revestir edificações de madeira: A) Chapa lisa sem pintura; B) Chapa lisa pintada. C) Chapa com estampa em *offset*; D) Chapa com *offset*.

Fonte: Acervo Karen Melo da Silva.

Na região sul do Brasil é fato que o emprego de chapas ou placas metálicas está, ainda que tal realidade venha se transformando nos últimos anos, muito associado à produção da arquitetura erudita, ao emprego em edifícios vultosos, ao vencimento de grandes vãos e às construções de uso industrial ou similares, tal como silos, galpões industriais, hangares, estádios etc. Em relação à construção de casas populares, embora sejam recentes os sistemas que empregam elementos metálicos, estes restringem a aplicação do atributo metálico à estrutura e aos elementos de fixação da cobertura, muitas vezes sugerindo a vedação das paredes em alvenaria e/ou outros materiais para ocultar o material.

Há um largo entendimento da importância que a tríade aço-concreto e armado-vidro desempenhou no século XIX, para viabilizar a consolidação do modernismo, tendo sido estes os elementos que melhor traduziram as soluções formais pretendidas, que melhor conciliaram a ética e estética daquele tempo, expressa pelos cinco consagrados princípios: planta livre; fachada livre; janela contínua; pilotis, terraço-jardim (BENÉVOLO, 1983; MUMFORD 1982; PEVSNER,



2001). Mesmo que inicialmente muita resistência tenha sido oferecida à adoção deste repertório limpo, gradativamente estes elementos foram incorporados, assimilados e amplamente difundidos, consolidando o *international style* (PEVSNER, 2001). Nos dias de hoje, a utilização destes materiais tanto pode passar despercebida, por ter sido já largamente utilizada em todos os continentes, quanto ser (ainda) empregada como sinônimo de prestígio e sofisticação, em função dos aperfeiçoamentos tecnológicos que sucessivamente cada um destes materiais recebem. Assim, tanto no passado recente quanto no presente, muitas obras podem ter seu grau de imponência atribuída pela quantidade e qualidade de vidro, concreto e aço empregados.

Na região sul do Brasil é fato que o emprego de chapas ou placas metálicas está, ainda que tal realidade venha se transformando nos últimos anos, muito associado à produção da arquitetura erudita, ao emprego em edifícios vultosos, ao vencimento de grandes vãos e às construções de uso industrial ou similares, tal como silos, galpões industriais, hangares, estádios etc.. Em relação à construção de casas populares, embora sejam recentes os sistemas que empregam elementos metálicos, eles restringem a aplicação do atributo metálico à estrutura e aos elementos de fixação da cobertura, muitas vezes sugerindo a vedação das paredes em alvenaria e/ou outros materiais.

Assim, podemos dizer que a utilização de placas metálicas para forrar casas na Ilha dos Marinheiros e na Região Sul do Brasil representa algo inusitado no contexto do repertório habitacional local, pois além de conciliar diversos fatores que distinguem estas construções das que consagraram o material de que se apropriam, inova ao inverter a utilização do atributo metálico – ele não tem função estrutural, sequer está escondido ou parcialmente aparente: ele é o invólucro, o que protege e dá a expressão final do habitar.

Embora possamos alegar que esta prática, no local de estudo, esteja associada a bons resultados no desempenho térmico, particularmente no inverno, uma vez que a placa metálica em conjunto com a madeira, propicia a retenção do calor por mais tempo, é preciso reconhecer que este parece ser também um procedimento muito apropriado às necessidades contemporâneas de minimização de geração de resíduos, tal qual argumentam Fernandes *et. al.* (2012). Por isso, ao aproveitar resíduos (placas, latas e similares) e lhes dar um destino, fica claro que estas construções inserem-se numa economia de mercado alternativo.

Contudo, é possível afirmar que por mais benéfico (o reaproveitamento), criativo (resposta formal) e singular (subversão do uso) que possa ser considerada a técnica, também é preciso reconhecer que este fazer implica na incorporação de *la part maudite*, do excesso de energia traduzido em excesso de produtos e mercadorias, oriundos de um processo de crescimento que alcança seus limites na entropia e na anomia, processo mencionado por Featherstone (1995, p.41-42). Desta forma, compreendendo o processo de produção, de bens e materiais de consumo, sob a perspectiva de uma matriz cultural, em que os modos como se usam as mercadorias podem ser usados para demarcar as fronteiras das relações sociais, podemos dizer que esta solução, embora inovadora e certamente apropriada, por prolongar a vida útil um material bastante importante no mundo contemporâneo, resulta como um indício que auxilia na identificação de uma classe de consumo evidentemente muito distante da que tem acesso às construções revestidas com titânio ou aço inoxidável, versões metalizadas reservadas às classes dominantes.

Mas, mesmo que autores identifiquem o acesso a bens de consumo como técnicas eficazes de exclusão (BOURDIEU, 2007) e que as mercadorias nas sociedades ocidentais contemporâneas, através das associações simbólicas que possibilitam, possam ser utilizadas para enfatizar diferenças de estilo de vida e demarcar relações sociais, é preciso reconhecer que a solução de forrar casas de lata, mesmo que apresente uma série de motivos técnicos para seu uso, tais como questões de conforto térmico, proteção da madeira etc., surpreende pela resposta formal que apresenta. Por isso, tanto quanto explicitar um conceito de classe de consumo, a utilização desta técnica acaba por oferecer uma noção clara, não apenas de pertencimento ao mundo contemporâneo, mas também de uma resposta criativa às suas demandas e limites.

Isto porque ao forrar as edificações com lata é implantada uma casca que necessita ser renovada com frequência, uma pele/lâmina que pode ser modificada e permite reinterpretações constantes do caráter da edificação (pela cor, textura, estado de conservação etc.). Assim, as edificações acabam por gerar uma imagem dinâmica e versátil, que pode tanto confundir quanto causar admiração, inclusive aos próprios moradores, mas inequivocamente apontam a possibilidade de customização da habitação e denotam a incorporação da cultura de consumo dos nossos dias.

Em conjunto, estas características inusitadas de irreverência e versatilidade permitem dizer que, embora aparentemente espontâneo e localizado, o resultado deste uso subvertido parece estar associado a um fenômeno mais amplo, global, que pode ajustar-se tanto em algumas das características centrais associadas ao pós-modernismo, quanto a outras, ainda mais recentes, que apontam que vivemos em uma sociedade da superabundância de ofertas e da desestabilização das culturas de classe, condições estas propícias para uma individualização extrema das preferências de cada um (LIPOVETSKY, 2007, p.34). Essa individualização pode ser reconhecida não apenas na escolha dos tipos e padrões das chapas metálicas, quanto na diversidade de detalhes existentes, tanto na colocação das latas, quanto nos arremates necessários, particularmente expressos pelo contato das chapas metálicas com esquadrias. O emprego das cores, no caso das chapas pintadas é outro fator que confere uma peculiaridade bastante singular, pois há similitude às cores utilizadas nos barcos de pesca, fato que não é coincidência, mas, antes, resultado do aproveitamento das tintas que sobram da pintura dos barcos.

No entanto, a interlocução com os moradores deixa claro que a atribuição de caráter inusitado às casas de lata lhes parece infundado, afinal, elas são algo comum no seu repertório diário, algo que lhes passa despercebido. Contudo, advertidos pelo olhar do estrangeiro, do pesquisador que demonstra o estranhamento, reconhecem que elas auxiliam a caracterizar a paisagem local, exprimem sua cultura, pois canalizam em diversos sentidos, suas relações com o espaço e com a natureza (Fig. 5 e 6), porque participam de esquemas de percepção, de concepção e de ação (BERQUE, 1984).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora estas edificações sejam repudiadas por alguns moradores, que as associam aos tempos ou condições de pobreza, outros lhes demonstram apego e aceitação, justificados pelos aperfeiçoamentos que gradativamente lhes foram conferidos e que dizem respeito às questões de acabamento, de conforto térmico, de custo e, como dissemos, a uma representação estética que lhes é significativa e de reconhecida beleza. É importante salientar que essas opiniões, mesmo que divergentes, fazem parte dos relatos memoriais de boa parte dos moradores da Ilha,

o que permite dizer que as edificações forradas com lata constituem-se dentro do sistema de região-memória, um lugar em que a memória se preserva, conforme mencionou Candau (2011, p.157). Por isso, em conjunto esses diversos aspectos, de identificação de características de ordem material e imaterial, e mesmo de contradição, permitem afirmar a importância dessas edificações como elementos contemporâneos e definidores da paisagem e do lugar, pela expressividade de relações que permeiam, pelos significados que expressam e memórias que suscitam.



Figura 05 – Casa de madeira forrada com lata. Fonte: Acervo Karen Melo da Silva.



Figura 6 – No alto: A paisagem da Ilha dos Marinheiros com vista à Laguna dos Patos. Abaixo: Destaque para uma casa forrada com cunhetes. Fonte: Acervo Karen Melo da Silva.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Demis Ian Sbroglia; WEIMER, Günter; MEDEIROS, Humberto; HOLZER, Werther. **A arquitetura popular do Brasil**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2010.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BERQUE, Augustin. Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle. In: **L'Espace Géographique**. Vol. 13, pp. 33-34, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERNANDES, Jorge. et. al. Princípios de sustentabilidade na arquitectura vernacular em Portugal. **Congresso Construção 2012**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Retirado de <http://www.ibge.gov.br> em 01 Junho 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Barueri, São Paulo: Manole 2007.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

PEVSNER, Nikolaus. **Origens da Arquitetura Moderna e do Design**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Laudelino Bento dos. **Entrevista concedida no dia 31 de março de 2012**. Entrevista realizada na localidade de Marambaia, Ilha dos Marinheiros. Entrevistadores: Karen Melo da Silva e Frank Alves Ferreira.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica, e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOARES, Marlon Nunes. **Banco de dados geográfico socioeconômico da Ilha dos Marinheiros, Rio Grande, RS, BRASIL**. Monografia de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Brasil, 2005.

VERÍSSIMO, Francisco *et. al.*. **500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins, 2005.